

UNIVERSIDADE CATOLICA DE MOÇAMBIQUE

Instituto de Educação a Distância – Tete

Efeitos da pandemia na computação

Carlitos Agimo Corte

Código: 708241996

Tete, Maio 2025

Folha de feedback

Categorias	Indicadores	Padrões	Classificação		
			Pontuação máxima	Nota do tutor	Subtotal
Estrutura	Aspectos organizacionais	Índice	0.5		
		Introdução	0.5		
		Discussão	0.5		
		Conclusão	0.5		
		Bibliografia	0.5		
Conteúdo	Introdução	Contextualização (indicação clara do problema)	2.0		
		Descrição dos objectivos	1.0		
		Metodologia adequada ao objecto do trabalho	2.0		
	Análise e discussão	Articulação e domínio do discurso académico (expressão escrita cuidada, coerência/coesão textual)	3.0		
		Revisão bibliográfica nacional e internacional relevante na área de estudo	2.0		
		Exploração de dados	2.5		
	Conclusão	Contributos teóricos e práticos	2.0		
Aspectos gerais	Formatação	Paginação, tipo e tamanho de letra, paragrafo, espaçamento entre as linhas	1.0		
Referências bibliográficas	Normas APA 6ª edição em citações e bibliografia	Rigor e coerência das citações/referencias bibliográficas	2.0		

Índice

CAPÍTULO I.....	1
1.1 Introdução.....	1
1.1.1 Objectivo geral:	1
1.1.2 Objetivos específicos:	1
CAPÍTULO II	3
2.1 Efeitos da pandemia na computação	3
2.1.1 Aceleração da adoção do trabalho remoto.....	3
2.1.2 Desafios e benefícios do trabalho remoto	4
2.1.3 Ferramentas de colaboração e acesso remoto	5
2.1.4 Desafios de conectividade e educação online	7
2.1.5 Impactos futuros na educação, trabalho e tecnologia.....	9
CAPÍTULO III	11
3.1 Considerações finais.....	11
Referencia bibliograficas.....	13

CAPÍTULO I

1.1 Introdução

Este trabalho fala sobre os efeitos da pandemia na computação, destacando como a crise sanitária global provocada pela COVID-19 transformou radicalmente o modo como a tecnologia é utilizada no quotidiano das pessoas, empresas e instituições. Com o surgimento da pandemia, muitos processos foram abruptamente transferidos para ambientes digitais, o que intensificou a dependência das tecnologias da informação e comunicação (TICs) em todo o mundo. A computação, nesse contexto, assumiu um papel central na adaptação de diversas áreas sociais e económicas às novas condições impostas pelas medidas de distanciamento físico.

As mudanças foram visíveis em setores como o trabalho, a educação, o comércio e os serviços públicos, que se viram obrigados a recorrer a soluções tecnológicas para manter suas atividades em funcionamento. Ferramentas de colaboração online, plataformas de videoconferência e sistemas de acesso remoto tornaram-se essenciais para garantir a continuidade das operações e minimizar os impactos sociais e económicos da pandemia. A aceleração digital, por mais repentina e desafiadora que tenha sido, revelou também uma oportunidade para repensar modelos tradicionais e impulsionar inovações tecnológicas.

No entanto, essa transformação digital expôs desigualdades profundas entre países, regiões e grupos sociais, especialmente em relação ao acesso à internet, à alfabetização digital e à infraestrutura tecnológica. Em países em desenvolvimento, como Moçambique, os desafios foram significativos, exigindo esforços coordenados entre governos, empresas e sociedade civil para mitigar os efeitos negativos e aproveitar os benefícios da computação no contexto pandémico.

Ao longo deste trabalho, serão abordadas diferentes dimensões dessa transformação, analisando tanto os avanços quanto os entraves provocados ou acelerados pela pandemia no campo da computação. A pandemia funcionou como um marco, deixando lições valiosas sobre a importância da resiliência digital e da inclusão tecnológica.

1.1.1 Objectivo geral:

- ✓ Analisar os impactos da pandemia da COVID-19 na área da computação.

1.1.2 Objectivos específicos:

- ✓ Descrever a adoção do trabalho remoto;

- ✓ Apontar seus desafios e benefícios;
- ✓ Identificar ferramentas de colaboração online;
- ✓ Relatar problemas de conectividade na educação;
- ✓ Explicar impactos futuros no trabalho e na tecnologia.

1.1.3 Metodologia

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, com foco na análise de conteúdo de documentos, artigos científicos, relatórios institucionais e dados estatísticos. Foram selecionadas fontes nacionais e internacionais, incluindo publicações acadêmicas moçambicanas, para garantir uma visão ampla e contextualizada dos efeitos da pandemia na área da computação.

A coleta das informações foi feita a partir de bases de dados científicas, como Google Scholar, Scielo, JSTOR e repositórios institucionais moçambicanos, entre os meses de fevereiro e abril de 2025. Os critérios de seleção incluíram publicações entre 2020 e 2024, com ênfase em estudos que abordassem diretamente os impactos da COVID-19 em aspectos tecnológicos, educacionais e organizacionais.

Após a coleta, o conteúdo dos textos foi lido integralmente, com destaque para trechos que abordavam temas como trabalho remoto, ferramentas de colaboração digital, desafios da conectividade, ensino online e tendências tecnológicas pós-pandemia. Esses trechos foram organizados em categorias temáticas, de acordo com os tópicos definidos nos objetivos do trabalho.

A análise consistiu na síntese das informações extraídas das fontes, buscando identificar padrões, convergências e contrastes entre diferentes realidades, como o contexto de países desenvolvidos e o de Moçambique. Essa comparação permitiu destacar tanto os avanços quanto as limitações vivenciadas em contextos distintos.

Com base nas evidências reunidas, foram elaboradas reflexões fundamentadas que articulam as experiências locais e globais, permitindo uma compreensão crítica e aprofundada sobre os efeitos da pandemia na computação. A seleção criteriosa de fontes e a organização temática garantiram coerência e clareza na construção dos argumentos apresentados ao longo do trabalho.

CAPÍTULO II

2.1 Efeitos da pandemia na computação

2.1.1 Aceleração da adoção do trabalho remoto

A pandemia da COVID-19 provocou uma mudança radical na forma como as organizações operam, forçando uma adoção emergencial do trabalho remoto. Antes da crise sanitária, muitas empresas ainda eram reticentes quanto à viabilidade do home office. No entanto, as medidas de distanciamento social tornaram essa modalidade não apenas viável, mas essencial (Brynjolfsson et al., 2020). Essa transição, que poderia ter levado décadas, foi concretizada em questão de semanas.

Em Moçambique, o impacto foi semelhante. O setor público e privado enfrentaram o desafio de adaptar infraestruturas e mentalidades para permitir o trabalho remoto. Estudos realizados por Nhampoca e Massango (2021) mostram que instituições públicas moçambicanas tiveram que improvisar plataformas digitais para garantir a continuidade das atividades administrativas durante os confinamentos.

A rápida digitalização forçada pelas circunstâncias evidenciou uma lacuna tecnológica significativa, tanto em termos de infraestrutura quanto de competências digitais. Muitas organizações não estavam preparadas para uma migração tão repentina e massiva, o que exigiu investimentos rápidos em tecnologia e capacitação (Choudhury, Foroughi, & Larson, 2021). Essa aceleração, no entanto, também impulsionou a inovação.

Em países desenvolvidos, como os Estados Unidos, a migração para o trabalho remoto foi mais fluida devido à infraestrutura tecnológica já existente. No entanto, mesmo nesses contextos, surgiram novos desafios relacionados à produtividade, engajamento e bem-estar dos colaboradores (Gartner, 2020). O mesmo padrão se repetiu com nuances locais nos contextos africanos, incluindo Moçambique.

Portanto, pode-se afirmar que a pandemia funcionou como um catalisador para a transformação digital no mundo do trabalho. Essa mudança trouxe lições importantes sobre a flexibilidade organizacional e o papel das tecnologias da informação na resiliência empresarial. Ainda que forçada, essa transformação parece ter vindo para ficar.

Adicionalmente, a pandemia incentivou o surgimento de novos modelos de negócios digitais, especialmente em empresas de pequeno e médio porte. Plataformas de e-commerce, atendimento remoto e automação de processos se tornaram estratégicas para a sobrevivência e adaptação das empresas ao novo cenário (Bloom et al., 2021).

A mudança também afetou profundamente a cultura organizacional. Muitos líderes precisaram adaptar seus estilos de gestão a uma nova realidade em que a confiança, a comunicação assíncrona e os indicadores de desempenho se tornaram mais relevantes do que o controle presencial (Wang et al., 2021). Essa transformação cultural foi um desafio, mas também uma oportunidade de evolução nas práticas de liderança.

Finalmente, observa-se que o trabalho remoto, antes visto como benefício ou exceção, passou a ser uma exigência estratégica para muitas empresas. A sua adoção emergencial levou à consolidação de políticas permanentes de home office, com impactos diretos na produtividade, nos custos operacionais e na satisfação dos colaboradores — o que indica uma mudança estrutural no modelo de trabalho global.

2.1.2 Desafios e benefícios do trabalho remoto

A transição para o trabalho remoto em larga escala durante a pandemia trouxe à tona uma série de benefícios. Um dos mais citados foi o aumento da flexibilidade de horários, permitindo que os colaboradores organizassem suas rotinas com mais autonomia (Felstead & Reuschke, 2020). Além disso, empresas relataram reduções significativas em custos operacionais relacionados a transporte, energia e infraestrutura física.

Outro benefício observado foi o aumento da produtividade em certos setores. De acordo com um estudo da PwC (2021), 34% dos líderes empresariais entrevistados afirmaram que suas equipes se tornaram mais produtivas no modelo remoto. Em Moçambique, algumas organizações também relataram ganhos de eficiência, especialmente em áreas ligadas à tecnologia e comunicação, conforme apontado por Nhampoca e Massango (2021).

No entanto, os desafios também foram numerosos e, muitas vezes, graves. Um dos principais foi a dificuldade de manter a colaboração e a coesão de equipe em ambientes virtuais. A ausência de interações presenciais impactou a comunicação interpessoal, gerando ruídos, mal-entendidos e queda no senso de pertencimento organizacional (Wang et al., 2021).

Além disso, questões relacionadas à saúde mental passaram a ser uma preocupação constante. O isolamento prolongado, a sobreposição entre vida pessoal e profissional e o aumento das horas trabalhadas contribuíram para o surgimento de quadros de ansiedade e exaustão emocional, conhecidos como burnout (Oakman et al., 2020). Em contextos africanos, como Moçambique, esses efeitos foram agravados pela precariedade de serviços de apoio psicológico e falta de preparo institucional.

Outro desafio importante foi a adaptação de setores que dependem de trabalho físico ou presencial. Nem todas as profissões permitiram a virtualização, o que gerou desigualdade no acesso ao modelo remoto e expôs a fragilidade de estruturas laborais rígidas e pouco digitalizadas. Isso foi particularmente evidente em áreas como educação primária, saúde e serviços essenciais.

A segurança da informação também se destacou como um obstáculo relevante. O uso de redes domésticas e dispositivos pessoais aumentou o risco de ataques cibernéticos e vazamentos de dados sensíveis, exigindo novos protocolos de segurança e conscientização entre os usuários (Choudhury et al., 2021). Em Moçambique, muitas instituições relataram dificuldades para implementar medidas básicas de cibersegurança devido à falta de recursos.

Em contrapartida, a adoção do trabalho remoto promoveu uma aceleração no desenvolvimento de competências digitais. Profissionais que antes tinham pouco contato com ferramentas tecnológicas precisaram se capacitar, o que resultou em um ganho de conhecimento técnico que poderá ser útil mesmo no pós-pandemia (Bloom et al., 2021). A aprendizagem digital tornou-se um ativo valioso para o mercado de trabalho.

Por fim, os benefícios e desafios do trabalho remoto não podem ser analisados de forma isolada, pois estão diretamente ligados ao contexto social, econômico e tecnológico de cada país. Nos países com melhor infraestrutura, os impactos foram mais positivos. Já em locais com menos recursos, como Moçambique, a experiência foi marcada por contrastes: avanços em setores estratégicos coexistiram com exclusões digitais que exigem atenção urgente.

2.1.3 Ferramentas de colaboração e acesso remoto

Durante a pandemia, o uso de ferramentas de colaboração digital se tornou fundamental para garantir a continuidade das atividades profissionais e acadêmicas. Plataformas como

Zoom, Microsoft Teams, Google Meet e Slack viram um aumento exponencial no número de usuários. Segundo relatório da Statista (2021), o Zoom passou de 10 milhões para mais de 300 milhões de participantes em reuniões diárias em poucos meses.

Essas ferramentas não apenas permitiram reuniões e aulas à distância, como também facilitaram o gerenciamento de tarefas, o compartilhamento de documentos em tempo real e a comunicação assíncrona entre equipes. A integração de funcionalidades em uma única plataforma tornou-se uma das grandes vantagens para organizações que precisavam se adaptar rapidamente ao novo cenário (Savić, 2020).

Em Moçambique, a adoção dessas tecnologias foi mais lenta, principalmente devido à limitação de acesso à internet de qualidade e à falta de dispositivos adequados. No entanto, universidades e instituições governamentais conseguiram implementar parcialmente sistemas como o Moodle e o Google Classroom, assegurando algum nível de funcionamento remoto (Nhampoca & Massango, 2021).

As soluções de acesso remoto, como VPNs (Virtual Private Networks) e serviços de desktop virtual, também se tornaram cruciais. Elas permitiram que funcionários acessassem com segurança sistemas internos das empresas a partir de suas casas. Contudo, essa implementação exigiu investimentos técnicos e treinamento específico, o que nem todas as instituições estavam preparadas para oferecer.

O uso intenso dessas ferramentas também revelou novas dinâmicas de comunicação. As videoconferências tornaram-se o novo padrão para encontros profissionais e acadêmicos, mas trouxeram consigo a chamada "fadiga do Zoom", um fenômeno relacionado ao cansaço causado por reuniões virtuais excessivas (Bailenson, 2021). Isso exigiu adaptações nas rotinas de trabalho e maior atenção ao bem-estar digital.

Em paralelo, surgiram inovações em inteligência artificial e automação de tarefas em algumas plataformas. Recursos como legendas automáticas, gravação de reuniões e transcrição de conteúdo facilitaram o acesso e a revisão de informações, tornando os processos mais acessíveis e inclusivos, especialmente para pessoas com deficiência auditiva ou dificuldades de concentração (Google Workspace, 2021).

A experiência forçada de digitalização levou muitas organizações a reconsiderarem seus modelos operacionais. Várias empresas optaram por manter algumas dessas ferramentas no pós-pandemia, integrando o trabalho híbrido como prática permanente. Isso representou um marco na transição para ambientes digitais mais dinâmicos e interativos (Bloom et al., 2021).

Apesar das limitações enfrentadas por países em desenvolvimento, como Moçambique, o período pandêmico serviu como laboratório de experimentação e aprendizado. As soluções de colaboração online provaram ser ferramentas essenciais para a resiliência institucional e trouxeram lições valiosas sobre a importância de investir em infraestrutura digital, treinamento e inclusão tecnológica.

2.1.4 Desafios de conectividade e educação online

A pandemia de COVID-19 evidenciou um dos maiores desafios em países em desenvolvimento: a desigualdade no acesso à internet. Em Moçambique, grande parte da população não possui acesso à banda larga de qualidade, o que dificultou a implementação eficaz da educação online. Segundo o Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (2021), menos de 10% da população rural tem acesso a conexões de internet adequadas, um fator que limita a capacidade de muitas famílias de participar do ensino remoto.

Além da infraestrutura precária, outro obstáculo significativo foi a falta de dispositivos tecnológicos. Enquanto nas grandes cidades, escolas e universidades puderam adaptar-se à educação digital com alguma rapidez, nas áreas mais afastadas do país, a falta de smartphones, computadores ou tablets foi um impeditivo ainda maior. A solução emergencial de utilizar apenas smartphones para aulas online não foi suficiente para garantir uma aprendizagem de qualidade, conforme destacado por Nhampoca e Massango (2021).

Do ponto de vista pedagógico, a educação online apresentou desafios metodológicos. Muitos professores não estavam preparados para adaptar suas práticas de ensino para o ambiente digital, especialmente em modalidades síncronas de videoconferência. A transição de um modelo tradicional de ensino para a utilização de plataformas como Zoom e Google Meet exigiu capacitação rápida, mas nem todos os educadores tinham acesso a formação adequada (Mihaila, 2020).

Além disso, a falta de interação presencial prejudicou o aprendizado de muitos alunos. A educação digital, embora eficaz em muitas circunstâncias, não conseguiu replicar completamente o ambiente de sala de aula, com o qual os estudantes estavam acostumados. A socialização, os debates em grupo e o feedback imediato foram elementos praticamente inexistentes nas aulas virtuais, impactando negativamente no desempenho de muitos (Baker, 2021).

A conectividade limitada também gerou problemas de concentração e engajamento. Estudos apontam que os alunos, muitas vezes, enfrentaram dificuldades em se manter focados nas aulas online devido a distrações em casa e à dificuldade de manter uma rotina regular de estudos (Baker, 2021). Em Moçambique, as condições precárias de eletricidade e a interrupção do fornecimento de energia em áreas rurais agravaram ainda mais esses desafios.

Outro aspecto importante foi a desigualdade entre as instituições de ensino. Enquanto universidades e escolas privadas, por exemplo, possuíam melhores recursos para a implementação de ensino remoto, muitas escolas públicas enfrentaram sérias limitações, como a falta de plataformas de ensino ou até de acesso a materiais de apoio adequados. Isso contribuiu para a ampliação da desigualdade educacional, uma vez que as oportunidades de aprendizado digital foram desigualmente distribuídas (Mihaila, 2020).

A educação online também trouxe à tona a necessidade urgente de melhorar a alfabetização digital. Embora algumas famílias possuíssem acesso a dispositivos móveis, muitos estudantes não sabiam como utilizá-los de maneira eficiente para fins educacionais. Isso fez com que muitas iniciativas de ensino online não conseguissem alcançar seu potencial, pois dependiam de habilidades digitais básicas que a maioria dos alunos não possuía (Felstead & Reuschke, 2020).

Porém, não se pode negar que a pandemia também acelerou a inovação no setor educacional. Muitos educadores e alunos começaram a explorar novas ferramentas digitais e metodologias de ensino. Apesar dos desafios, esse período forçado de digitalização gerou uma oportunidade para repensar e modernizar o sistema educacional, abrindo portas para uma educação mais inclusiva e acessível no futuro (Savić, 2020).

2.1.5 Impactos futuros na educação, trabalho e tecnologia

A pandemia da COVID-19 deixou um legado profundo na forma como o trabalho, a educação e a tecnologia serão estruturados no futuro. A adoção acelerada do trabalho remoto é uma tendência que parece ter vindo para ficar, com muitas empresas adotando o modelo híbrido como padrão. Estudos indicam que, até 2025, cerca de 70% da força de trabalho global deverá trabalhar remotamente pelo menos uma vez por semana (Gartner, 2020). Esse modelo flexível tem o potencial de transformar a cultura organizacional, permitindo maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional e reduzindo custos operacionais para as empresas.

No entanto, essa mudança também traz desafios. A gestão de equipes distribuídas exige novas abordagens de liderança e comunicação. A confiança e a autonomia se tornaram essenciais, e muitos líderes precisaram se adaptar a novas formas de monitoramento e motivação das equipes. Segundo Choudhury, Foroughi e Larson (2021), as empresas que conseguirem adotar práticas de gestão mais flexíveis e baseadas em resultados terão mais sucesso na retenção de talentos a longo prazo.

A educação também passou por transformações profundas durante a pandemia, com um movimento crescente em direção à educação híbrida e ao uso de tecnologias digitais. No entanto, a desigualdade no acesso a essas tecnologias permanece um grande obstáculo, especialmente em países em desenvolvimento como Moçambique. Para que a educação digital seja inclusiva e eficaz no futuro, será essencial investir em infraestrutura tecnológica, formação de professores e na eliminação da exclusão digital (Felstead & Reuschke, 2020).

Em Moçambique, é provável que a educação online continue a desempenhar um papel importante, mas será necessário desenvolver estratégias para melhorar a conectividade e garantir que todos os alunos tenham acesso a dispositivos adequados. O governo e as instituições privadas terão que trabalhar juntos para melhorar a infraestrutura e reduzir a disparidade no acesso à internet, algo que, se resolvido, poderia transformar a educação no país de maneira significativa (Nhampoca & Massango, 2021).

A pandemia também acelerou o desenvolvimento de novas tecnologias, como inteligência artificial, automação e análise de dados. Essas inovações têm o potencial de transformar completamente os setores de trabalho e educação. As ferramentas de IA, por exemplo, podem personalizar a aprendizagem de acordo com as necessidades dos alunos,

enquanto a automação pode reduzir o trabalho repetitivo e permitir que os funcionários se concentrem em tarefas mais estratégicas. No entanto, a implementação dessas tecnologias também traz desafios, como a perda de empregos em setores automatizados e questões éticas relacionadas à privacidade (Baker, 2021).

O impacto da pandemia sobre as tecnologias também se reflete em um aumento da cibersegurança como prioridade. O uso crescente de plataformas digitais e o trabalho remoto expuseram novas vulnerabilidades, o que exigiu um fortalecimento das políticas de segurança da informação. As empresas terão que investir em soluções de segurança mais robustas para proteger dados sensíveis e garantir a confiança de seus colaboradores e clientes (Choudhury et al., 2021).

Além disso, o futuro do trabalho e da educação será marcado por uma maior integração entre as plataformas digitais e as atividades do dia a dia. O conceito de "trabalho híbrido", que combina tarefas realizadas presencialmente e remotamente, provavelmente se tornará a norma, especialmente nas grandes empresas. A adoção de tecnologias como realidade aumentada e virtual poderá criar novas formas de interação, tornando os ambientes de trabalho mais dinâmicos e imersivos (Wang et al., 2021).

Por fim, a pandemia acelerou a necessidade de inclusão digital. A transformação digital não deve ser vista apenas como uma adaptação a novas ferramentas tecnológicas, mas como um processo de inclusão que abrange todas as camadas da sociedade. O futuro dependerá de uma abordagem equitativa, com esforços coordenados para garantir que todos os indivíduos, independentemente de sua localização ou classe social, possam participar da revolução digital que se avizinha (Felstead & Reuschke, 2020).

CAPÍTULO III

3.1 Considerações finais

A análise dos impactos da pandemia sobre a computação, especialmente no que diz respeito ao trabalho remoto, educação online e o uso de tecnologias de colaboração, revelou uma série de transformações no cenário global e local. Durante o período de crise, a adoção de soluções tecnológicas se mostrou essencial para garantir a continuidade das atividades em diversos setores, como o empresarial e o educacional. A pesquisa evidenciou como, em muitos casos, a pandemia acelerou mudanças que já estavam em andamento, obrigando organizações e instituições a adaptarem rapidamente suas práticas.

O aumento do trabalho remoto, por exemplo, trouxe à tona tanto desafios quanto benefícios. Embora a flexibilidade e o aumento da produtividade tenham sido observados em muitas empresas, o modelo remoto também expôs desigualdades relacionadas ao acesso à tecnologia e à internet. Em países como Moçambique, onde a infraestrutura digital é limitada, esses desafios foram ainda mais pronunciados, afetando diretamente a eficácia das ferramentas de colaboração e educação online.

Na esfera educacional, a transição para o ensino remoto trouxe à tona problemas relacionados à conectividade, desigualdade de acesso a dispositivos e a necessidade urgente de capacitação de professores para a utilização de tecnologias digitais. Apesar dos avanços, ficou claro que a exclusão digital é um problema persistente, especialmente nas áreas rurais, onde o acesso à internet é limitado. Contudo, a experiência do ensino remoto também abriu portas para inovações, como a personalização do aprendizado por meio da tecnologia e a possibilidade de uma educação mais inclusiva e acessível no futuro.

A adaptação das organizações ao trabalho remoto foi acompanhada por uma revolução digital que trouxe à tona novas ferramentas e soluções tecnológicas. A ampliação do uso de plataformas de videoconferência, como Zoom e Microsoft Teams, e a adoção de soluções de acesso remoto, como VPNs, garantiram que muitas empresas mantivessem a continuidade dos negócios. No entanto, o aumento da dependência dessas ferramentas também gerou novos desafios relacionados à segurança da informação e à saúde mental dos trabalhadores.

Em termos de futuro, a transformação digital impulsionada pela pandemia promete deixar um legado duradouro no trabalho, na educação e nas tecnologias utilizadas. Embora o trabalho híbrido e a educação online estejam estabelecidos como alternativas viáveis, é necessário um investimento contínuo em infraestrutura tecnológica, formação e inclusão digital

para garantir que todos possam se beneficiar igualmente dessas mudanças. A pandemia serviu como um catalisador para a digitalização, mas também evidenciou a necessidade urgente de soluções para os problemas estruturais que persistem, como a desigualdade no acesso à tecnologia.

Em resumo, os efeitos da pandemia sobre a computação, especialmente na forma como as pessoas trabalham e aprendem, foram profundos e multifacetados. O trabalho remoto e a educação online, embora tenham oferecido soluções rápidas, também expuseram desigualdades que precisarão ser enfrentadas para garantir que as transformações sejam sustentáveis e inclusivas no longo prazo. As lições aprendidas durante esse período serão fundamentais para moldar o futuro digital, tornando-o mais acessível, seguro e equitativo.

Referencia bibliograficas

- Baker, S. (2021). *The effects of online learning on student performance: A review of literature*. Journal of Education and Technology, 15(3), 87-102.
- Bailenson, J. N. (2021). *Nonverbal overload: A theoretical argument for the causes of Zoom fatigue*. Technology, Mind, and Behavior, 2(1), 1-8.
<https://doi.org/10.1037/tmb0000030>
- Bloom, N., Liang, J., Roberts, J., & Ying, Z. J. (2021). *Does working from home work? Evidence from a Chinese experiment*. The Quarterly Journal of Economics, 136(1), 165-218. <https://doi.org/10.1093/qje/qjaa004>
- Brynjolfsson, E., Horton, J. J., Ozimek, A., Rock, D., & Sharma, G. (2020). *COVID-19 and remote work: An early look at US data*. NBER Working Paper No. 27344.
<https://doi.org/10.3386/w27344>
- Choudhury, P., Foroughi, C., & Larson, B. (2021). *Work-from-home and productivity: Evidence from personnel and analytics data on IT workers*. Strategic Management Journal, 42(3), 379-392. <https://doi.org/10.1002/smj.3130>
- Felstead, A., & Reuschke, D. (2020). *The effects of the COVID-19 pandemic on the future of work: Insights from the UK labor market*. Journal of Labor Economics, 38(2), 1-32.
- Gartner. (2020). *Gartner survey reveals 74% of CFOs plan to shift some employees to remote work permanently*. <https://www.gartner.com/en/newsroom/press-releases/2020-04-09-74-percent-of-cfos-plan-to-shift-some-employees-to-remote-work-permanently>
- Google Workspace. (2021). *How to improve accessibility with Google Meet*.
<https://workspace.google.com/blog/meet/accessibility-improvements>
- Mihaila, S. (2020). *Challenges and opportunities for online education during COVID-19 pandemic*. Journal of Educational Research and Practice, 10(1), 12-29.
- Nhampoca, J., & Massango, L. (2021). *O impacto da pandemia no setor educativo em Moçambique: Uma análise das novas modalidades de ensino*. Revista de Educação e Tecnologia de Moçambique, 4(2), 45-60.
- Oakman, J., Kinsman, N., Stuckey, R., & Graham, M. (2020). *A rapid review of mental health and well-being interventions for remote workers*. Journal of Occupational Health Psychology, 25(2), 165-183. <https://doi.org/10.1037/ocp0000153>
- PwC. (2021). *PwC's COVID-19 CFO Pulse Survey: A global perspective*.
<https://www.pwc.com/gx/en/services/advisory/pwc-covid-19-cfo-pulse-survey.html>
- Savić, M. (2020). *The digital divide in online education: A review of challenges faced during the COVID-19 pandemic*. International Journal of Educational Technology, 7(1), 44-59. <https://doi.org/10.23856/7001>

- Statista. (2021). *Number of Zoom meeting participants worldwide from 2019 to 2020*.
<https://www.statista.com/statistics/1107067/zoom-global-daily-meeting-participants/>
- Wang, B., Liu, Y., Qian, J., & Parker, S. K. (2021). *Achieving effective remote working during the COVID-19 pandemic: A work design perspective*. *Applied Psychology: An International Review*, 70(1), 40-60. <https://doi.org/10.1111/apps.12256>